

EDUCAÇÃO, ESCOLA E VIOLÊNCIA: AS PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES DA FAVELA DO COQUE

Education, school and violence: the perspectives of Students Slum
Dwellers of Coque

Educación, escuela y violencia: las perspectivas del estudiantes como los
habitantes de tugurios de Coque

Izabel Adriana Gomes de Sena*
Edilson Fernandes de Souza**

RESUMO: Este artigo é oriundo do Núcleo de Teoria e História do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco e foi extraído da Dissertação de Mestrado intitulada: “Educação e Violência sob os Olhares e Vozes das Meninas e dos Meninos Estudantes Moradores da Favela do Coque”. Este texto apresenta discussões sobre a educação, a escola pública e suas problemáticas configuracionais que estão atreladas à exclusão, reprodução de comportamentos e às diferentes violências. A abordagem privilegia os olhares e as vozes dos estudantes moradores da favela do Coque, localizada na Região metropolitana da cidade do Recife. A partir do século XX a educação escolarizada foi apresentada para a sociedade brasileira como a principal estratégia para minimizar as mazelas sociais e solucionar os males que afligem a população. Contudo, entendemos que vem aumentando a necessidade de se discutir a função da escola para melhor analisarmos como essa instituição pode oportunizar autonomia para os indivíduos e facilitar a formação cidadã. Com a teoria elisiana realizamos diálogos profícuos que contribuam ora para o desvendamento, ora para análise dos dados empíricos da pesquisa.

Palavras-chave: educação; escola pública; figurações sociais; violência.

ABSTRACT: This article is from the Center for Theory and History of the Post-Graduate Education of Federal University of Pernambuco and was extracted from the Master’s thesis: “Education and violence under the eyes and voices of the Boys and Girls Students Slum Dwellers of Coque”. This paper presents a discussion on education, public schools and its problematic design that are linked to exclusion, reproductive behavior and the different types of violence. The approach emphasizes the views and voices of students living in the slums of Coque, located in the Metropolitan Region of Recife. From the twentieth century school education was presented to Brazilian society as the main strategy to minimize the social ills and solve the ills that afflict the population. However, we believe that is increasing

* Mestre e estudante da Pós-Graduação em Educação-UFPE. Contato: sena.bel@hotmail.com- (81) 8765-8035.

** Pós-Doutor; Adjunto IV- UFPE. Contato: edilson@ufpe.br- (81) 9938-1177.

the need to discuss the role of the school to better analyze how this institution can create opportunities for individuals autonomy and facilitate civic education. With the theory Elisiane conducted fruitful dialogue that contributed to the unraveling now, now to empirical data analysis of research.

Keywords: education; public school; social figurations; violence.

RESUMEN: Este artículo es del Centro de Teoría e Historia de la Educación de Postgrado de la Universidad Federal de Pernambuco y fue extraído de la tesis de Maestría: "Educación y Violencia en las perspectivas y voces de las niñas y niños estudiantes los habitantes de tugurios de Coque". Este artículo presenta una discusión sobre la educación, las escuelas públicas y su diseño problemáticas que están vinculadas a la exclusión, el comportamiento reproductivo y los diferentes tipos de violencia. El enfoque pone énfasis en los puntos de vista y las voces de los estudiantes que viven en las chabolas de lo Coque, ubicado en la Región Metropolitana de Recife. De la educación del siglo XX fue la escuela presentó a la sociedad brasileña como la principal estrategia para reducir al mínimo los problemas sociales y resolver los males que aquejan a la población. Sin embargo, creemos que está aumentando la necesidad de discutir el papel de la escuela para analizar mejor cómo esta institución puede crear oportunidades para la autonomía de las personas y facilitar la educación cívica. Con la teoría Elisiane a cabo un diálogo fructífero que contribuyeron a la desintegración ahora, ahora al análisis de datos empíricos de la investigación.

Palabras claves: educación; escuela pública; figuraciones sociales; la violencia.

INTRODUÇÃO

A formação das sociedades e suas respectivas memórias são descontínuas, as pessoas criam e recriam suas imagens, tradições e identidades de si e dos outros. A história de vida aliada a um tipo de procedimento, a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009), é utilizada em nosso trabalho como aporte metodológico, pois, compreendemos que essa dinâmica facilitou no refinamento das nossas percepções e análises construídas a partir dos diferentes olhares dos estudantes. Com a teoria sociológica de Norbert Elias, construímos diálogos profícuos que contribuíram ora para o desvendamento, ora para análise dos dados empíricos dessa investigação.

A escola pública foi o lugar propulsor onde nasceram nossas inquietações, despertando olhares mais atentos e aprofundados sobre as questões que a permeiam. Nesse sentido, escolhemos direcionar os olhares para os estudantes, buscando através destes, transpor os muros invisíveis entre a escola e as configurações sociais existentes em seu entorno.

O objetivo dessa pesquisa consiste em analisar as percepções dos estudantes moradores da favela do Coque sobre a educação, buscando identificar quais as temáticas que se sobressaem em suas histórias e relatos.

Algumas questões foram surgindo no decorrer da pesquisa: a) Como as meninas e os meninos estudantes moradores da favela do Coque relatam suas histórias de vida e se percebem? b) O fato de crescer em uma favela interfere na percepção de um jovem sobre a educação e suas perspectivas? c) Como os estudantes entendem o papel da instituição escolar? d) Como é crescer em um bairro pobre cercado por bairros ricos?

O caminho escolhido para essa investigação foi direcionado ao campo das pesquisas qualitativas. Entendemos a importância do diálogo entre o conceito do *a priori* com o empírico o *a posteriori*. Partindo desse pressuposto, buscamos as histórias e memórias dos meninos e meninas do Coque, tendo como finalidade analisar suas percepções.

A investigação foi realizada no Sistema Estadual de Ensino de Pernambuco, com foco nas seguintes instituições: Escola Estadual Joaquim Nabuco e a Escola Estadual Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto, ambas localizadas em uma área periférica da cidade do Recife, bairro de São José, favela do Coque.

A EDUCAÇÃO E O CONTROLE DAS EMOÇÕES: UM PROCESSO CIVILIZADOR

As observações realizadas por Norbert Elias a partir das funções corporais, controle das pulsões e emoções nos ajudam a entendermos a pacificação dos costumes em determinados períodos da história do ocidente. As emoções como nojo, pudor e vergonha estavam imbricadas aos processos civilizadores, conduzindo ao controle da violência e a diminuição dos desejos agressivos.

Sobre as tensões sociais, entendemos que elas, entre diferentes grupos, geram transformações estruturais nos seres humanos. Essas tensões são provenientes de forças elementares, como a fome, que são chamados de impulsos emocionais no curto prazo. Porém, há também impulsos no longo prazo, que são expressos através do desejo de propriedade, poder, posição social, entre outros.

Nesse sentido, é evidenciada a disputa por espaço entre os indivíduos de um mesmo grupo social, ou não.

Nessa perspectiva, Elias constrói algumas observações sobre os instrumentos de violência utilizados por alguns indivíduos diante de circunstâncias específicas:

Em certos estágios, os instrumentos de violência à disposição de alguns podem permitir-lhes negar aos outros aquilo de que estes precisam para garantir e efetivar sua existência social, ou mesmo ameaçá-los, subjugar-los e explorá-los constantemente, ou então as metas de alguns podem realmente exigir que se destrua a existência social e física de outros. (ELIAS, 1994, p. 44).

São essas tensões que dão movimento as estruturas da sociedade, evitando a mera reprodução de uma geração para outra. Esse movimento de transformação não se constrói no interior de cada indivíduo isoladamente, mas na estrutura coletiva. Viver em sociedade faz com que os seres humanos busquem controlar suas emoções, impor restrições às manifestações das suas energias. Contudo, aqueles que não conseguem são considerados seres perigosos, tanto para si próprios, como para os demais integrantes do seu círculo de convivências.

Para Elias (1985, p.74), “a incapacidade de controlar estes impulsos é, pelo menos, tão dolorosa e tão escusada como a necessidade de os controlar demasiado”. Portanto, o autodomínio é para o ser humano uma condição comum. Sem ela, as pessoas deixariam de ser consideradas humanas e as sociedades não se integrariam.

O processo de civilização para Elias é evidenciado através do controle da violência, autocontrole dos impulsos e emoções; e também com os avanços tecnológicos e burocráticos.

Sobre o processo de civilidade individual a que todos os jovens passam é observado como um resultado de um processo social operante, onde durante muitos séculos, os indivíduos foram automaticamente submetidos às regras da “boa conduta”, desde a mais tenra infância. Essas ações, impulsos emocionais e racionais dos indivíduos se integram ora de maneira amistosa e ora de forma hostil.

As crianças e os adolescentes nesse percurso de “civilidade” são disciplinados para se tornarem adultos. Essa transição da infância para a fase adulta requer também um processo de desenvolvimento estrutural psicológico.

O crescimento educacional dos indivíduos pode ser analisado como processo de transformações qualitativas e revolucionárias, observando que cada etapa no estágio do crescimento significa um conjunto de funções psíquicas, as quais mantêm relações específicas entre si e um conjunto de princípios explicativos também específicos que incluem fatores biológicos, sociais e culturais.

Sobre esse processo de “crescimento” pelo qual as crianças passam individualmente, Mennell (1998) realiza algumas observações sobre o

estudo das sociedades ocidentais, verificando que é a partir da primeira infância que se inicia o processo civilizador.

O comportamento da criança passa por uma modelagem realizada pelos adultos. Porém, esse desenvolvimento comportamental não tem uma padronização, podendo ocorrer com maior ou menor sucesso para cada indivíduo.

EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E INTERDEPENDÊNCIA SOCIAL

A educação escolarizada, desde o início do século XX, foi apresentada para a sociedade brasileira como a principal estratégia para minimizar as mazelas sociais e solucionar os males que afligem a população. Nessa perspectiva, a escola seria a principal propulsora do “capital cultural” para os jovens, levando-os a modificarem suas condições de vida.

Contudo, vem aumentando a necessidade de se discutir a função da escola para assim, entender como essa instituição pode oportunizar autonomia para os indivíduos e formação cidadã. A educação formal é na atualidade um direito social e dever do Estado proporcioná-la aos indivíduos, logrando o desenvolvimento da cidadania. A educação é um dos alicerces fundamentais para o processo de socialização dos indivíduos e interligação com a sociedade.

Nas décadas iniciais do século XIX, a difusão do ensino público no Brasil era inexpressiva. No entanto, após a lei Saraiva¹, que estabelecia a restrição ao voto do analfabeto, houve significativa mudança no que se refere à educação popular voltada para a alfabetização da massa populacional brasileira.

De acordo com Vanilda Paiva (1973), no século XX, os altos índices de analfabetismo no Brasil “envergonhava” a elite, então chamada de “intelectualidade brasileira”. Portanto, o analfabetismo durante a República Velha e início da Segunda República, foi considerado como um dos principais problemas da nação. Assim, a educação, ou a ausência dela era responsabilizada pelas grandes dificuldades sócio-econômicas em que estava inserida a sociedade brasileira, desse referido período histórico.

O posterior entusiasmo pela educação no Brasil estava intimamente ligado às políticas governamentais populistas, que justificavam a educação como salvadora da nação e libertadora dos oprimidos.

¹O Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881, teve como redator final o Deputado Geral Rui Barbosa. Estabeleceu que os que não fossem católicos, religião oficial do Império, poderiam se eleger, desde que possuísse renda não inferior a duzentos mil réis. Com esse decreto e suas restrições (Proibição do voto aos analfabetos) o número de eleitores, que era de 1.114.066 em 1874 (12% da população), passou a ser de 145.296 (1,5% da população).

As discussões que tangem a escola necessitam de desmistificações. A ideia ramificada sobre o poder de intervenção da instituição escolar sobre as tramas sociais é frágil, portanto é incapaz de corrigir as injustiças e obter equalização social. A escola encontra-se em um emaranhado social, onde a mesma não consegue se desprender das amarras reprodutoras e estratificadas que a sociedade a impõe. Sobre o papel da educação formal Ângela Paiva (2009) afirma:

A educação, como direito social, é dever do Estado e foi, portanto, pensada como condição diferenciadora nas sociedades que pretendiam lograr a expansão da cidadania com maior igualdade para a participação na esfera pública. Foi Durkheimer (1978) um dos primeiros sociólogos a conceituar o papel da educação, tanto moral, quanto a formal, para o processo de socialização dos indivíduos e sua integração à sociedade. (PAIVA; BURGOS, 2009, p. 21).

Ainda sobre a universalização do acesso escolar, os autores Paiva & Burgos (2009), lembra-nos que a democratização da educação está imbricada às questões políticas e econômicas, pois é necessário que os cidadãos estejam minimamente equiparados no contexto sócio-cultural para que desta forma, possam alcançar as reais possibilidades que o acesso às esferas públicas os apresentam.

O século XX é o palco das grandes transformações no que se refere à massificação educacional. Os movimentos sociais encabeçados pela juventude brasileira estavam atrelados também aos processos educativos que foram desenhados principalmente na década de 1960. Esses movimentos tinham na juventude as forças propulsoras fundamentais e, nessa perspectiva, o jovem é observado como sujeito cognoscente, propício às mudanças e reivindicações para adentrar de maneira igualitária na esfera pública.

No entanto, as discussões sobre educação pública brasileira fazem vermos o quão distante é a realidade dos “*subcidadãos*”, do ideário igualitário apregoado pelo acesso universal a escola pública, esta instituição em diferentes momentos, serve ora de palanque para os discursos mais acalorados, em relação à cidadania e, ora serve como palco da segregação urbana.

Para Bourdieu (2008), a democratização da escola passou um período de grande contentamento, no entanto, com o passar do tempo foi se confirmando que apenas o acesso ao ensino não é suficiente para o bom desempenho dos estudantes, é nessa direção, que o referido autor afirma:

[...] depois de um período de ilusão e mesmo de euforia, os novos beneficiários compreenderam, pouco a pouco, que não bastava ter acesso ao ensino secundário para ter êxito no ensino secundário para ter acesso às posições sociais que podiam ser alcançadas com os certificados escolares[...]. (BOURDIEU, 2008, p. 220).

A equidade em que a escola “democrática” pauta suas práticas pedagógicas serve de alicerce para aumentar o fosso das desigualdades, escondendo em suas entrelinhas as diferenças socioculturais dos indivíduos que a frequenta.

Os estudantes se transformaram nos “*excluídos do interior*”; a insuficiência das instituições escolares é evidenciada com a seleção interna e a conseqüente exclusão. A história da educação brasileira denuncia as marcas deixadas pela trajetória seletiva, desigual e excludente que privilegiava a minoria abastada em detrimento do pobre.

Durante o percurso da educação brasileira foram surgindo os distanciamentos entre a educação dos ricos e a educação “deseducada” dos pobres. Para os últimos, o ensino profissionalizante, para os primeiros, o ensino acadêmico.

As desigualdades educacionais no Brasil não só se restringiram as classes sociais, mas aos diferentes fatores ligados as questões regionais, as intrigantes diferenças entre as escolas públicas municipais, estaduais, federais, entre outros. As instituições públicas federais mantêm o processo seletivo que estreita a entrada para aqueles que não tiveram a oportunidade de terem uma base escolar.

Refletir sobre o papel da escola pública em relação à pobreza e a desigualdade social tem como objetivo revelar o real lugar que a escola tem para os jovens que a frequentam.

O Brasil, na década de 1960, assistiu a saída progressiva dos filhos da classe média da escola pública. Esse fato se desenrolou em virtude da universalização do acesso à escola, onde os filhos dos pobres passaram a ter direito de dividir os acentos escolares com os filhos das classes mais abastadas.

Esse processo de democratização da escola básica trouxe para os jovens pobres moradores das áreas periféricas das cidades brasileiras o acesso à escola, porém o abismo entre o acesso e a qualidade do ensino público básico no Brasil passou a ser significativamente alargado.

A escola democrática de massa passou a ser a “escola do pobre”; se não bastasse o fosso que há entre as escolas públicas e a “escola de elite”, existe ainda uma diferença intrigante entre as escolas públicas, que são determinadas por sua localização, ou seja, escolas públicas localizadas nos bairros centrais das cidades e as escolas públicas nas periferias. A geografia

das cidades igualmente influencia nas diferenças que separam os jovens estudantes das escolas públicas localizadas nas áreas centrais das cidades brasileiras daqueles que estudam nas “*escolas de favela*”.

Pensar a escola pública em suas interfaces e sua relação com a favela é analisar a as dimensões da sociabilidade urbana. As cidades brasileiras mostram em seus índices de violência contra os jovens o retrato da problemática social do país.²

Os autores Paiva e Burgos (2009) trazem o debate emergente sobre as escolas localizadas em áreas de favela e as escolas que atendem jovens moradores de favela:

[...] a escola na favela é refém de inúmeras circunstâncias que a aprisiona em um ciclo vicioso em que os principais atores- professores e alunos- estão cientes das inúmeras desvantagens do cenário montado para serem protagonistas. (PAIVA & BURGOS, 2009, p. 27).

A favela é a forma concretizada da incapacidade das instâncias governamentais no que se refere a um projeto político que vise à igualdade de direitos e acesso aos bens e serviços urbanos. Portanto, “a escola na favela é uma caixa de ressonância da cidade escassa” (Idem. p. 26).

Os problemas sociais urbanos invadem a escola pública, provocando tensões que segregam as pessoas de diferentes maneiras nesse território. As relações estabelecidas no ambiente escolar, entre professores, funcionários e estudantes são, em sua maioria, frágeis e desarticuladas da realidade que extrapola os espaços escolares.

OS OLHARES DAS MENINAS E MENINOS DA FAVELA DO COQUE: O ESTUDO EMPÍRICO

A educação para os estudantes está diretamente relacionada ao comportamento cotidiano, assim como aos valores morais. A educação é vista como algo que nasce em meio à família e, nesse sentido, é repassada aos filhos pelos respectivos pais. Para uma pessoa ser considerada educada, segundo os estudantes pesquisados a mesma, precisa cultivar alguns valores como respeito, honestidade e sinceridade.

² Rio de Janeiro é a cidade brasileira com o maior número absoluto de assassinato de jovens de 15 a 24 anos, segundo o mapa da violência dos municípios brasileiros. No ano de 2006, foram registradas 879 mortes nessa faixa etária. Na comparação com a população, são 83,6 mortes por 100 mil habitantes. A maior taxa de homicídios de jovens está em Foz do Iguaçu, no Paraná, na fronteira com Paraguai e Argentina: 234,8 mortes por 100 mil habitantes. Recife aparece logo atrás, com 214,3. Ver o site: <http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia>

Educação vem de casa é respeito e honestidade, sem educação você não é nada

“Educação para mim é aquela pessoa que tem respeito, é aquela pessoa que se sabe se dá pra outra pessoa e tenta entender. Eu tenho um pouquinho de educação, eu tento assim, não xingar as pessoas, tento ficar calada, mas assim, quando eu tento ficar calada, aí a turma aborrece, começa a agitar, aí você não consegue ficar calada”. (Rose, 14 anos).

“Educação é que nem eu passo pro meu filho é tipo assim, não pegar coisas erradas, não mentir, falar toda a verdade pedir pra mim sair quando ele tiver mais grandinho, educação é assim, passar o que a minha mãe passou pra mim eu acho que é isso pra mim”. (Vivi, 19 anos).

“Educação é tudo né! Uma pessoa sem educação, entre aspas, é um ser mal educado, eu acho que não é nada”. A educação começa dentro de casa, o maior exemplo que os pais dão aos filhos é a honestidade”. (João, 25 anos)

“Primeiro a gente deve ser educado em casa, é isso”. (Celi, 16 anos)

Durante os questionamentos da pesquisa voltados para a educação, os estudantes não mencionaram a educação escolarizada. No entanto, seus relatos privilegiaram a educação doméstica, mostrando a importância dela para a formação dos valores morais.

Para a estudante Vivi, a importância da educação está em repassar as aprendizagens que sua mãe a ensinou para seu filho assim, a educação assume uma dinâmica voltada para o ambiente familiar.

A maioria dos estudantes afirma que a educação se inicializa em casa. João traz uma discussão sobre a importância da família, destacando seus comportamentos como exemplos para os filhos. Ele é enfático ao declarar que a honestidade é um dos principais valores a ser repassado pelos pais.

Quando os estudantes remetem a educação como mudança de comportamentos, lembramos da teoria elisiana voltada para o processo civilizacional, em que os costumes dos indivíduos passam, no longo prazo, por um processo de refinamento, modificando os tratos e as maneiras.

O grau de repugnância que as pessoas adquirem nesse processo é alterado, movendo-se para outro padrão de comportamento mais “civilizado”, ou seja, o aprendizado de novas maneiras e o desconforto com os antigos hábitos faz o indivíduo mudar suas atitudes e, nesse sentido, desenvolver seu nível educacional.

Esse processo de mudança de comportamento para Elias (1994), não é algo que ocorre de maneira fácil, sobretudo, porque acontece de forma lenta e com múltiplas flutuações de acontecimentos e emoções. Essas mudanças de comportamentos dos indivíduos estão diretamente ligadas com suas relações sociais. Nessa direção, o referido autor realiza a seguinte discussão:

A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. Todas as características distintas que lhe atribuímos – a existência de maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado, ou o que quer que seja atestam a existência de uma estrutura particular de relações humanas, de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de comportamento. (ELIAS, 1994, p.73).

O processo educacional que cada indivíduo realiza está imbricado ao campo social, onde este pode facilitar ou não a aquisição dos valores, hábitos e atitudes mais refinadas. As intervenções sociais modeladoras que são realizadas sobre os seres humanos são verificadas no processo de socialização. As relações sociais estão sempre se modificando, a cada instante se atualizam, ou retrocedem, se estabelecem ou simplesmente se dissolvem, mas no decorrer do tempo se transformam, pois fazem parte de um processo vivo, dinâmico.

A educação se processa em diferentes espaços, assim não existe um modelo fixo, existem inúmeras formas de se repassar e construir saberes nas distintas sociedades. Cada sociedade tem sua educação própria, com determinadas características e identidade. A escola definitivamente não é o único espaço de vivências educativas, segundo os estudantes moradores da favela do Coque, são nas relações familiares que se processam os primeiros e fundamentais aprendizados educativos.

A escola é um começo de um caminho que cada um decide

“o que eu mais gosto é de ler. Não gosto de escrever não porque minha letra é muito feia. Os pontos positivos da escola são que a gente aprende, os professores ensinam agente ser mais educado, parar mais com o preconceito e saber que todo mundo é igual, ensinam tudo que agente não sabe assim, nos ensinam a ser alguém na vida, nos ensina que pra agente ser alguma coisa na vida a gente tem que estudar, tem que se esforçar.” (Rose, 14 anos)

“gosto muito de estudar. As coisas boas são os professores, tem alunos que também gostam muito de estudar, tem as amizades também que é boa.” (Vivi, 19 anos)

“Eu acho que a escola é um começo de um caminho que cada um decide. Por incrível que pareça eu gosto de estudar. Não me dedico mais porque não posso. Gosto de tudo um pouco né, porque na sala de aula rola conversa, rola fofoca, rola alguma coisa, mas rola inclusive estudar quando eu venho com o pensamento pra isso.” (João, 25anos)

Refletindo sobre a escola e seus objetivos, identificamos como suas principais metas a socialização dos estudantes, integração, assimilação de valores e normas da sociedade. Contudo, a realidade da maioria das instituições localizadas nos espaços segregados das cidades é bem distinta do ideário da educação moderna.

Esses espaços escolares estão profundamente marcados por teorias e discursos “pedagógicos” distanciados da realidade dos estudantes. As fissuras sociais existentes nos territórios pertencentes às favelas alargam os abismos entre os educadores e educandos.

O baixo rendimento escolar, altos índices de retenção, dificuldade de integração, entre outros, não são problemas exclusivos das escolas públicas, nem tão pouco daquelas localizadas nas favelas.

Contudo, é importante salientar que existe dificuldade na articulação dos modelos universais de educação com as especificidades do local. A dinâmica de vida dos estudantes moradores de áreas desfavorecidas, muitas vezes, causa estranhamento aos educadores.

Nessa direção, a pesquisa realizada em escolas periféricas do Rio de Janeiro pela pesquisadora Renata Salomone aponta que as dificuldades da prática pedagógica tornam-se mais evidenciadas para os estudantes desfavorecidos. Segundo a pesquisadora:

[...] os maiores problemas apontados estão relacionados aos seguintes aspectos: linguagem, pobreza, baixo capital cultural, falta de estrutura familiar, violência e baixa auto-estima. Embora tais problemas não sejam exclusivamente ligados aos alunos moradores de favelas, eles aparecem nas falas dos entrevistados muitas vezes como caudatários da ecologia desse espaço e como provenientes de uma condição social que é, de forma geral, alheia à socialização na cultura escolar. (PAIVA; BURGOS, p. 237).

As entrevistas realizadas com os estudantes moradores da favela do Coque no Recife trazem relatos da escola como um lugar de aprendizagens, onde o educando pode mudar comportamentos como afirma a estudante Rose. A escola é também o início de um caminho de vida, segundo o estudante João. Porém, nesse mesmo espaço que se compartilham aprendizagens, amizades, também se vivencia a exclusão dos “incluídos”, violência física e simbólica.

Vivi, João, Rose e Celi trazem em seus relatos acontecimentos violentos praticados no interior da escola. O uso da violência física e verbal para resolver os pequenos atritos entre amigos é usual. A presença das drogas e da violência no ambiente escolar, de certa forma, reproduz os problemas vivenciados por alguns estudantes fora dos muros da escola.

A maioria dos estudantes não tem envolvimento com a criminalidade que permeia a favela do Coque, porém na fala da estudante Rose, percebemos o temor das pequenas intrigas entre colegas de escola se transformar em hostilidades maiores, assumindo um papel de discórdia entre famílias.

Celi identifica que o problema da violência na escola está diretamente relacionado à falta de posicionamento mais rigoroso e pontual da direção da escola. A falta de ações efetivas direcionadas para a temática da violência evidencia o despreparo dos educadores no trato cotidiano com os estudantes moradores de comunidades periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a escola um lugar de vivências, interação e construção do conhecimento, no entanto, também identificamos particularidades reprodutoras, excludentes e desumanizadoras. Nessa configuração social, existem encontros e desencontros, nos quais se desenvolvem os processos educativos. A escola tem uma frágil relação entre a educação voltada para a ética, a “civilização”, os direitos à cidadania e a educação reprodutora das desigualdades que realiza exclusão invisível dos chamados, “*incluídos*”.

As escolas públicas localizadas nas favelas têm suas particularidades e diversidade existentes em seus contextos socioculturais. É importante nos afastarmos dos estigmas que permeiam as representações sobre a favela e, conseqüentemente, apresentam os moradores desses lugares como “indivíduos potenciais” à cultura da violência. É evidente que o peso dos estigmas carregados pelos jovens estudantes moradores das favelas ao longo das suas vidas, não favorece para o bom desempenho educacional, antes disso, favorece à criação de um imaginário reducionista, discriminatório, tenso entre os educadores e educandos.

Em nossa investigação identificamos que os olhares dos estudantes moradores da favela do Coque privilegiaram a educação direcionada aos comportamentos cotidianos e as aprendizagens no que se refere aos tratos e maneiras apreendidos no ambiente familiar. Portanto, a escola definitivamente não é o único espaço de vivências educativas, segundo os estudantes, são nas relações familiares que se processam os primeiros e fundamentais aprendizados educativos e ou processos “civilizadores”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. e CATANI, A. (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.

ELIAS, N. *O Processo civilizador: formação do estado e civilização*, vol. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Os Estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PAIVA, A.; BURGOS, M. *A Escola e a favela*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Ed. Pallas, 2009.

PAIVA, V. *Educação popular e educação dos adultos: Contribuição à História da Educação Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1973.

_____. Violência e Pobreza: a educação dos pobres. In: PAIVA, V.; BARRETO, V.; ZALUAR, A. (Orgs.). *Violência e educação*. São Paulo: Livros do Tatu Cortez, 1992.

ZALUAR, A. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.